



Universidade  
ESTADUAL DA PARAÍBA  
Centro de Humanidades

**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GEOGRAFIA E TERRITÓRIO:  
PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E AMBIENTAL**

**LINHA DE PESQUISA: GEOGRAFIA CULTURAL**

**CULTURA, PAISAGEM E TERRITÓRIO DA FEIRA CAMPONESA:  
UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE JACARAÚ.**

**SHARLENE DA SILVA BERNARDINO**

**GUARABIRA-PB  
2010**

**SHARLENE DA SILVA BERNARDINO**

**CULTURA, PAISAGEM E TERRITÓRIO DA FEIRA CAMPONESA:  
UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE JACARAÚ.**

Monografia submetida como exigência para a obtenção do título de especialista em Geografia e Território: Planejamento Urbano Rural e Ambiental da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Departamento de Geo-História, sob a orientação do Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto.

**GUARABIRA-PB  
2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

B523c

Bernardino, Sharlene da Silva

Cultura, Paisagem e Território da Feira  
Camponesa: Uma Análise no Município de Jacaraú /  
Sharlene da Silva Bernardino. – Guarabira: UEPB,  
2010.

42f. Il. Color.

Monografia Especialização (Trabalho Acadêmico  
Orientado – TAO) – Universidade Estadual da  
Paraíba.

“Orientação Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto”.

1. Cultura 2. Território 3. Feira Camponesa I. Título.  
22.ed. CDD 306

**SHARLENE DA SILVA BERNARDINO**

**CULTURA, PAISAGEM E TERRITÓRIO DA FEIRA CAMPONESA:  
UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE JACARAÚ.**

Monografia aprovada em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Doutor Belarmino Mariano Neto- Orientador  
Doutor em Sociologia UFCG/UFPB  
Departamento de Geo-História/CH/UEPB

---

Profª. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário  
Mestre em Geografia pela UFC  
Departamento de Geo-História/CH/UEPB

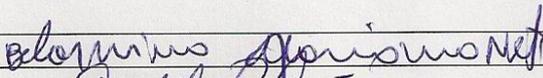
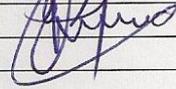
---

Prof. Ms. Edvaldo Carlos de Lima  
Mestre em Geografia – UNESP  
Departamento de Geo-História/CH/UEPB

**GUARABIRA-PB  
2010**

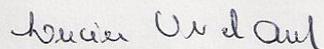
**COORDENAÇÃO DA ESPECIALIZAÇÃO EM GEOGRAFIA E TERRITÓRIO:  
 PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E AMBIENTAL  
 FICHA DE AVALIAÇÃO DA MONOGRAFIA**

<b>NOME DO CURSO:</b> Especialização em Geografia Território Planejamento: Urbano, Rural e Ambiental
<b>UNIDADE RESPONSÁVEL:</b> DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
<b>COORDENADOR (A):</b> Luciene Vieira de Arruda

MONOGRAFIA		
<b>AUTOR (A):</b> Sharlene da Silva Bernardino		
<b>ORIENTADOR (A) TITULAÇÃO:</b> Profº Dr. Belarmino Mariano Neto - UEPB		
<b>TÍTULO:</b> Cultura, paisagem e território da feira camponesa: uma análise no município de Jacaraú-PB	<b>LINHA DE PESQUISA:</b> Território e territorialidade	
<b>RESUMO</b>		
<p>Este artigo buscou analisar a relação que se processa entre cultura e paisagem e sua influência na formação dos elementos que permeiam as feiras camponesas tão abundantes no interior do nordeste brasileiro tendo como foco a tradicional feira do município de Jacaraú, inserida no Vale do Mamanguape, no Litoral Norte paraibano. Observou-se a influência que a feira, a qual acontece há cerca de 60 anos no município, ocupa nas dimensões sociais, culturais e econômicas desta comunidade, como também a mutação espacial que o evento da feira provoca na paisagem da mesma. Este trabalho originou-se da pesquisa monográfica da Especialização em Geografia e Território da UEPB/PB e se delimitou através das inserções em campo intermediadas pela leitura e análise de textos e imagem que apresentam a feira camponesa como um acontecimento único. Assim, diante das pesquisas ficou evidenciado a importância de se analisar a feira enquanto território de troca comercial, manifestação cultural e também de constante mutação paisagística. A feira camponesa é pensada enquanto um espaço em que ocorrem trocas comerciais do que é produzido pelos agricultores locais, os quais ganham espaço no evento feira livre, em que, disputam territorialmente com comerciantes de produtos industrializados e também de produtos de outras regiões, já inseridos na lógica do mercado capitalista. Desse modo, a feira camponesa nos interessa enquanto espaço de diálogos do local com aquilo que é produzido em escala global, a exemplo dos produtos <i>made in china</i>. Ademais, a feira interessa-nos para que possamos atestar como os adereços da cultura rural ainda aparecem no cenário <i>latu stricto</i> das feiras nordestinas.</p>		
<b>Palavras-chave:</b> Feira Camponesa, Paisagem, Território.		
<b>DATA DE APRESENTAÇÃO:</b> 30/09/2010		
<b>COMISSÃO DE AVALIAÇÃO</b>		
<b>PROFESSORES:</b>	<b>ASSINATURAS:</b>	<b>Notas</b>
Profº Dr. Belarmino Mariano Neto – UEPB		9,50
Profª Ms. Maria Alethéia Stedile Belizário – UEPB		9,50
Profº Ms. Edvaldo Carlos de Lima - UEPB		9,50
Profª Marceleuze de Araújo Tavares		
<b>AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO (A) ALUNO (A):</b>		9,5
<b>Observações:</b>		

Guarabira, 30 de setembro de 2010

Profª Drª Luciene Vieira de Arruda  
 Coordenador(a) da Especialização

  
**Luciene Vieira de Arruda**  
 COORD. ESP. GEOGRAFIA  
 MAT. 3224881 - CH - UEPB

Dedico este trabalho a Nilda, Severino, Simone, Missael e Joelma, respectivamente mãe, pai, irmãos e amiga. Indivíduos constantes da minha paisagem, fios significativos para a minha Identidade.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela dádiva da vida, por tudo que tem me propiciado, em especial, minha família e meus amigos com quem partilho as conquistas, os sentidos, sons e sabores de minha paisagem.

À família, base de sustentação da minha vida, pelo apoio e confiança irrestrita durante a execução desse trabalho.

Às amigas Joelma e Raquel, pelo companheirismo e a disponibilidade no apoio intelectual para os ajustes gramaticais e de configuração desse trabalho.

Às amigas Fátima e Janilma, pelo apoio e atenção.

Ao Professor Belarmino Mariano por ter despertado o melhor de mim ao me mostrar que através da geografia cultural era possível unir algumas de minhas maiores paixões, a música, a poesia e a literatura.

A todos os feirantes que gentilmente se dispuseram a contribuir com suas imagens e histórias de vida, pois as mesmas foram à alma dessa pesquisa.

Aos professores examinadores: Maria Aletheia e Edvaldo Carlos, pois prontamente se disponibilizaram a darem suas contribuições para o aperfeiçoamento desse trabalho.

Aos colegas de sala, pela vivência, pelas lembranças e pelas histórias que cada um carregará consigo, em virtude desse tempo de convívio.

*Entre os homens e suas paisagens existe efetivamente uma convivência secreta, da qual, o discurso racional, científico, dissecador e classificador não pode dar conta. A paisagem é ao mesmo tempo, o prolongamento e o reflexo de uma sociedade, e um ponto de apoio oferecido aos indivíduos para se pensar na diferença com outras paisagens. A correspondência entre o homem e os lugares, entre uma sociedade e sua paisagem está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido amplo da palavra.*

*(Joel Bonnemaison)*

## 043 – GEOGRAFIA

### **CULTURA, PAISAGEM E TERRITÓRIO DA FEIRA CAMPONESA: UMA ANÁLISE NO MUNICÍPIO DE JACARAÚ.**

**Autora:** Sharlene da Silva Bernardino

**Orientador:** Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

**Examinadores:** Prof. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário

Prof. Ms. Edvaldo Carlos Lima

#### **RESUMO**

Este trabalho buscou compreender a relação que se processa entre cultura e paisagem e sua influência na formação dos elementos que permeiam as feiras camponesas tão abundantes no interior do nordeste brasileiro tendo como foco a tradicional feira do município de Jacaraú, a qual está inserida no Vale do Mamanguape e faz parte do Litoral Norte paraibano. Analisou-se a influência que a feira, a qual acontece há cerca de 60 anos no município, ocupa nas dimensões sociais, culturais e econômicas desta comunidade, como também a mutação espacial que o evento da feira provoca na paisagem. Este trabalho é fruto da Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental da UEPB/CH/DGH e se delineou através das inserções em campo intermediadas pela leitura e análise de textos e imagem que apresentam a feira camponesa como um acontecimento único. Assim, diante das pesquisas ficou evidenciado a importância de se analisar a feira enquanto território de troca comercial, manifestação cultural e também de constante mutação paisagística. A feira camponesa é pensada neste contexto enquanto um espaço em que ocorrem trocas comerciais do que é produzido pelos agricultores locais, as quais ganham o espaço no evento que disputa territorialmente com produtos industrializados e também com produtos de outras regiões, já inseridos na lógica do mercado capitalista. Desse modo, a feira camponesa interessa enquanto espaço de diálogos do local com aquilo que é produzido em escala global, a exemplos dos produtos *made in china*. Ademais, a feira consegue atestar os adereços da cultura rural que ainda aparecem no cenário *latu* e *stricto* das feiras nordestinas.

**Palavras-chave:** Cultura, Território e feira Camponesa.

## 043 - GEOGRAPHY

### **CULTURE, LANDSCAPE AND TERRITORY OF THE FEIRA CAMPONESA: AN ANALYSIS IN THE MUNICIPAL DISTRICT OF JACARAÚ.**

**Author:** Sharlene of Silva Bernardino

**Advisor:** Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

**Examiners:** Prof. Maria Aletheia Stedile Belizário  
Prof. Edvaldo Carlos Lima

**ABSTRACT:** This work looked for to understand the relationship that is processed between culture and landscape and his/her influence in the formation of the elements that you/they permeate the fairs such abundant farmers inside the Brazilian northeast tends as focus the traditional fair of the municipal district of Jacaraú, which is inserted in it is Worth him/it of Mamanguape and it is part of the Coast North paraibano. The influence was analyzed that the fair, which happens there are about 60 years in the municipal district, it occupies in this community's dimensions social, cultural and economical, as well as the space mutation that the event of the fair provokes in the landscape. This work is fruit of the Specialization in Geography and Territory: Planning Urban, Rural and Environmental of UEPB/CH/DGH and it was delineated through the inserts in field intermediated by the reading and analysis of texts and image that introduce the fair farmer as an only event. Like this, before the researches the importance was evidenced of analyzing the fair while territory of commercial change, cultural manifestation and also of constant mutation paisagística. The fair farmer is thought about this context while a space in that you/they happen commercial changes of what is produced by the local farmers, which wins the space in the event that disputes territorialmente with industrialized products and also with products of other areas, already inserted in the logic of the capitalist market. This way, the fair farmer interests while space of dialogues of the place with that that is produced in global scale, to examples of the products made in china. Besides, the fair gets to attest the seasonings of the rural culture that you/they still appear in the scenery latu and stricto of the Northeastern fairs.

**Key-words:** Culture, Territory and fair Farmer.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Vista da feira do ano de 1967. Arquivo pessoal do Senhor Pedro Fernandes de Oliveira, fotógrafo local.....	26
Figura 2 – Área ocupada pela feira-livre. Fonte: Prefeitura Municipal de Jacaraú-PB. Jul/2010	28
Figuras 3 e 4 - Espaço da Feira de Jacaraú e os primeiros bancos. Fonte: Arquivo da autora, Fev. 2010.....	28
Figuras 5 e 6 – Senhor Silvio Luís e seu ajudante na montagem de bancos da Feira de Jacaraú. Fonte: Arquivo da autora, fev. 2010.....	29
Figuras 7 e 8 - Dinâmica da feira em feirantes e fregueses. Fonte: Arquivo da autora, julho de 2010.....	30
Figuras 9 e 10 - O movimento da feira passa pelos atores. Fonte: Arquivo da autora junho de 2010.....	31
Figuras 11 e 12 - Produtos piratas. Arquivo da autora, junho de 2010.....	31
Figuras 13 e 14 – Venda interna e externa ao mercado. Arquivo da autora, junho de 2010.....	32
Figuras 15 e 16 – Banca de verduras, ervas e temperos. Arquivo da autora, junho de 2010.....	34
Figuras 16 e 17 – Bancas de calçados e roupas. Arquivo da autora, junho de 2010.....	34
Figuras 18 e 19 – Bancas de frutas e raízes. Arquivo da autora, junho de 2010.....	35
Figuras 20 e 21 – Feira do gado. Arquivo da autora, junho de 2010.....	36

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>14</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1 A feira dividida em três movimentos: a poesia enquanto suporte material para entender o evento da feira.....</b>	<b>17</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>26</b>
<b>4.1 A feira em suas múltiplas territorialidades.....</b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisa a relação entre cultura e paisagem e sua influência na formação dos elementos que permeiam a tradicional feira camponesa do município de Jacaraú, inserida no Vale do Mamanguape, no Litoral Norte paraibano. Considerou-se na pesquisa os elementos e contextos que se apresentam nas várias feiras existentes no conjunto nordestino, enquanto paisagem típica local.

A escolha por trabalhar especificamente com a feira da cidade de Jacaraú se deu em virtude desta ser considerada uma das mais importantes na região onde ocorre, pois ela demanda uma considerável dinâmica de pessoas e serviços e já acontece há cerca de sessenta anos. Desse modo, foi analisada a dimensão estrutural, econômica e cultural que a feira exerce nesta área.

A feira é detentora de uma série de símbolos e significados geográficos manifestados pela cultura tanto local, quanto de perfil mais geral e que é absorvida pela sociedade circundante. Os elementos da feira, sejam em produtos ou na forma e estrutura organizacional do espaço, combinam os símbolos da cultura que cada paisagem absorve.

A produção do trabalho partiu-se do seguinte pressuposto: Será que as feiras camponesas tão abundantes no interior do nordeste brasileiro ainda guardam em suas paisagens os elementos culturais que as identificam enquanto feiras camponesas? A partir dessa hipótese observou-se a influência que a feira, a qual acontece há cerca de 60 anos no município, exerce nas dimensões sociais, culturais e econômicas desta comunidade, como também a mutação espacial que o evento da feira provoca na paisagem.

Este trabalho originou-se enquanto requisito para a conclusão do curso de Especialização em Geografia e Território da UEPB/PB e se delineou através das inserções em campo, intermediadas pela leitura e análise de textos e imagens que apresentam a feira camponesa como um acontecimento único.

Assim, diante das pesquisas, ficou evidenciado a importância de se analisar a feira enquanto território de troca comercial, manifestação cultural e também de constante mutação paisagística. O enredo da feira seja enquanto elemento permeado pela economia e pelo terceiro setor; seja pelas pessoas e suas relações humanas, assinaladas num espaço-tempo entrecortado, marca o território efêmero

em fixos e fluxos (SANTOS, 1985). Os fluxos identificados no mercado público e os fluxos das feiras livres que se monta e desmonta a cada dia de feira.

A feira camponesa foi pensada enquanto um espaço em que ocorrem trocas comerciais do que é produzido pelos agricultores locais, os quais ganham espaço no evento feira livre, em que disputam territorialmente com comerciantes de produtos industrializados e também de produtos de outras regiões, já inseridos na lógica do mercado capitalista.

Desse modo, a feira camponesa pode ser pensada enquanto espaço de diálogos do local com aquilo que é produzido em escala global, a exemplo dos produtos *made in china*. Ademais, a feira se mostra como um cenário de grande relevância para que possamos atestar os adereços da cultura rural ainda que aparecem no cenário *latu stricto* das feiras nordestinas.

A dessemelhança na organização espacial das sociedades é vista primordialmente através do acondicionamento paisagístico que os indivíduos concebem aos díspares espaços nos quais se encontram inseridos. A cultura é determinante nesse processo, pois ela permite que as sociedades sejam identificadas e caracterizadas.

A cultura é ainda é um dos pontos mais acentuados para a compreensão da história do ser humano em sociedade, Mello (2008, p.79) corrobora que “mesmo aquelas culturas que parecem estabilizadas e inertes, estão em movimento, vibram, palpitam, têm vida”. Elas permitem assim, a um determinado território criar e recriar cotidianamente suas particularidades.

Nesse sentido Haesbart (2007, p. 48), vem acrescentar que, “o território é primeiro um valor, pois a existência, ou mesmo, uma relação espiritual com seu espaço de vida”. Este fragmento conceitual ou ideia de território é relevante, pois a feira é caracterizada, enquanto um território-paisagem que é marcado por visíveis peculiaridades.

As transformações sucedidas cotidianamente em cada sistema cultural são verificadas, sobretudo através da arrumação da paisagem sobre o território. Para Bernardino; Mariano Neto (2007), se faz relevante compreender os símbolos culturais que designam uma paisagem, e como esta prende o indivíduo ao território através de elos tanto perceptíveis quanto imperceptíveis pelo olhar de cada um e subjetivados de acordo com a cultura, com os sons, os cheiros e os gostos que sempre ganham significados únicos para cada pessoa.

Dessa maneira, pode-se refletir que a paisagem relaciona-se com as experiências vividas pelos seres humanos. A feira é uma paisagem móvel, uma vez que acontece em determinados dias da semana, mas sua frequência faz parte da rotina das pessoas, pois diariamente elas consomem e/ou armazenam produtos oriundos da feira.

No ambiente da feira é notável a maneira como as pessoas estão familiarizadas com as relações sucedidas entre consumidor e feirante, entre comadres e compadres que trocam informações, enquanto escolhem os produtos que abastecerão suas fruteiras e geladeiras durante a semana. A esse respeito Pazera Jr. (1987) acrescenta que, “a feira nordestina não é um simples local de compra e venda de mercadorias mais do que isto, é o local privilegiado onde se desenvolvem uma série de relações sociais” (Pazera Jr., 1987, p. 654).

A paisagem da feira pode ser percebida a partir dos mais diversos elementos e a cultura avigora essas construções paisagísticas. Autores como Crosgrove, Jackson (2007) trazem a ideia de que um lugar pode ser identificado pela cultura material que é produzida pelos grupos. A feira é um ambiente onde estas construções se fazem com maestria, pois ela aglomera diferentes e divergentes sentidos culturais.

Na feira esses traços culturais são presenças constantes, tornando-a um ambiente onde essas analogias de sentido recebem uma dimensão excepcional. Pois, enquanto se faz a feira é imprescindível estar atento à cor, consistência, odores e sabores das frutas, das leguminosas, das carnes e peixes, dentre outros, ao mesmo tempo em que se negocia o melhor preço de cada produto, enquanto se sustenta uma acalorada conversa com um velho conhecido.

No contexto de constituição da monografia, o trabalho foi estruturado em cinco capítulos, tendo a introdução como o capítulo inicial, pois aqui, já estão expostos alguns dos referenciais teóricos e categorias de análises com as quais foi possível o desenvolvimento do estudo.

O capítulo dois, intitulado “Materiais e Métodos”, traz de maneira mais detalhada os mecanismos utilizados para a elaboração do presente trabalho. A pesquisa participante a partir de visitas de campo, observações diretas e registro de imagens fotográficas são alguns exemplos de procedimentos adotados. Nesse contexto, a pesquisa foi feita a partir da vivência da pesquisadora com o campo de pesquisa, tanto pela direta relação que a mesma possui com este ambiente, por ser

filha de feirantes, quanto pelo interesse pelos elementos paisagísticos da feira com os quais possui uma identidade desde a infância.

O capítulo três ressalta as bases referenciais que serviram de suporte para a efetivação científica dos objetivos propostos pela pesquisa. Também se dedicou em parte a destrinchar o poema “Suíte das feiras de interior” de autoria de Jessier Quirino, onde o mesmo versa sobre o universo da feira mostrando as diversas relações que se sucedem entre as pessoas, a paisagem e as marcas territoriais imprimidas no espaço e na memória pelas relações que se desenvolvem na feira.

Ainda no capítulo três utiliza-se a música “Feira de Mangaió” (Sivuca e Glorinha Gadelha) que é um importante recurso poético e lingüístico para a análise do universo da feira, a partir de elementos tipicamente nordestinos presentes nas feiras camponesas, pois os bancos de feiras com os adereços da cultura do Nordeste marcam a poesia e a feira em sua simplicidade e complexidade.

No capítulo quatro denominado, “Resultados e Discussões”, mencionou-se a relação entre indivíduo e paisagem no território da feira. Nele é mostrado o território da feira na dimensão espacial que a mesma ocupa e as relações afetivas e identitárias que são produzidas nesse espaço.

Enquanto consideração final entendeu-se que um arranjo entre teoria e prática, pensados a partir de elementos como “cultura, paisagem e território”, embasados pela geografia cultural permitiu perceber o quanto a feira é importante no cotidiano das pessoas, isso quando se considera a ligação que as pessoas têm com a poética do espaço e com os sabores e cores de cada território que a feira denomina. Assim, os argumentos teóricos alinhados à pesquisa empírica confirmaram esse arranjo de ideias, bem como a metodologia escolhida.

Dessa maneira, ficou expressivo o quanto o ambiente da feira é um rico campo de pesquisa aonde é permitido explorar a relação de significados e sentidos da paisagem que se expressa sob um território.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho teve como objetivo compreender a influência da feira, enquanto espaço econômico, para a formação de um universo cultural no município de Jacaraú. Para isso, fez-se necessário analisar como o arranjo da feira se projeta na organização territorial e paisagística da cidade, analisando os elementos perceptíveis e aqueles que têm sua significação notada através das relações de afetividade do sujeito com o espaço materializado, vivido e sentido.

O arranjo metodológico também foi pensado sob a perspectiva de uma inter-relação dos campos de saberes, pois, aqui, estão em constante diálogo e interação, tanto com os autores da geografia cultural, quanto os da antropologia, da sociologia e da economia. Essa é uma maneira de se pensar a ciência geográfica que considera a sociedade humana e a sua relação com o espaço e todos os seus elementos, como peça primordial de sua apreciação.

A metodologia destacou-se pela análise teórica e empírica estruturada em duas categorias: paisagem e território. Para tanto, apresentou-se um esquema teórico-metodológico intermediado pela pesquisa de campo que buscou compreender o sistema de formação das feiras.

A mesma foi pensada ainda, sob a perspectiva de um atravessamento dos estudos culturais em uma teoria eminentemente geográfica, que esteve em constante interação. Como instrumentos metodológicos foram realizados registros de imagens das várias seções que compõem as feiras, por meio de fotografias, como também foram colhidos depoimentos com feirantes e fregueses.

O mais importante nessa dimensão metodológica foi a observação direta e o envolvimento da pesquisadora com o universo da feira, devido ao constante visitar ao ambiente da feira, em que se marca com os seus pais, enquanto atores diretos nesse espaço, pois os mesmos são vendedores de temperos, raízes, ferragens para o trabalho no campo, entre outros produtos. E como feirantes, fizeram com que a pesquisadora, desde criança, pudesse vivenciar esse espaço.

Outra escolha metodológica foi o intercâmbio entre a geografia e a literatura popular, a partir de expressões da poesia popular que trata do universo da feira. Assim, estes poemas se apresentam enquanto elementos recheados de geografia,

pois apontam escritos de uma paisagem passível de reconhecimento em cada frase da poesia. E todo o simbolismo apresentado, manifesta-se de imediato na memória das pessoas que, de alguma maneira, já viveram ou estiveram em contato com os dizeres do poeta Jessier Quirino.

A pesquisa pode ser considerada como participante, pois na feira, a pesquisadora foi criada, ora ajudando aos pais no trato com os fregueses, no levar e trazer coisas, no lanche regado a milho assado, tapioca, beiju, pé-de-moleque e caldo de cana (garapa). Sabores que só as feiras camponesas guardam em suas dinâmicas paisagísticas.

O mundo acadêmico e a leitura no campo da geografia cultural, antropologia cultural e literatura, aproximaram a pesquisadora aos escritos de Jessier Quirino, autor que trata a temática da cultura popular com muita exatidão. Nesse sentido, o autor considera em seu poema sobre a feira, três distintos momentos/movimentos que foram experienciados e quando ditos pelo poeta ganham novos sentidos geográficos.

Outros importantes poetas populares aqui utilizados, que trataram do universo da feira, foram Sivuca e Gloria Gadelha, em “feira de mangaió”, retratos detalhados da dinâmica da feira, em especial dos adereços do mundo rural, que envolve desde ferramentas e utensílios de trabalho no campo, como também, as raízes e temperos que são típicos das feiras camponesas nordestinas. Esses elementos poéticos contribuíram para a relação geografia, cultura e literatura popular.

A parte textual foi estruturada segundo Oliveira (2007) de acordo com as normas da ABNT. Para tanto, consideram-se os elementos pré-textuais e pós-textuais, seguidos por um ordenamento objetivo, evitando uma maior fragmentação do texto. Além dessas preocupações, destaca-se uma formatação em que foi utilizado o trabalho literário em formato de poesia popular.

### 3 REFERENCIAL TÉORICO

A cultura que se manifesta sob um dado território é uma das principais portas para que o geógrafo possa ler e compreender os diferentes significados da paisagem. Assim (Bernardino, 2008 p.24), acrescenta que a “interação entre cultura e paisagem é fonte inspiradora de diferentes formas artísticas e pode ser vista, em vários momentos, intrínsecas à geografia, quando nessas composições são descritos elementos presentes nos instrumentos de trabalho, na fala, nas vestes, dentre outros”. Esses elementos se constituem como símbolos construtores de uma dada sociedade que se estabelece sob um território.

Isto se torna ainda significativo quando visto sob a ótica da organização das feiras, pois cada região possui costumes, produtos e serviços que não são encontrados em outros lugares. Essas peculiaridades, que se caracterizam como elementos identitários do território, são denominados de mecanismos culturais.

Cultura diz respeito à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, sociedades, nações e grupos humanos. Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais passam (SANTOS, 1994 p.08).

Laraia (2003, p.55), profere que “toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade da simbologia que cria a cultura. Sem o símbolo não haveria cultura e o homem seria apenas um animal não um ser humano”. Contudo, esses símbolos só ganham significação quando vistos integrados a um complexo de paisagens (Suetergaray, 2004). Complexo esse, que é originado e sistematizado dentro da natureza própria de cada cultura.

Desse modo, a paisagem é tomada como um jogo de imagens e pensamentos, como representação do conhecimento e imaginação, procura da experiência tramada pelo subconsciente, ativa possibilidades para o trabalho intelectual (Mariano Neto, 2001). A paisagem artificial a partir do humano enquanto pessoa que anseia e reage afetivamente aos saberes do ambiente.

A geografia cultural moderna, ao fazer do homem o centro de sua análise, foi obrigada a desenvolver novas abordagens. Ela se constitui de três eixos que são igualmente necessários e complementares; primeiro ela parte das

sensações e das percepções; segundo, a cultura é estudada através da ótica da comunicação, que é, pois compreendida como criação coletiva; terceiro, a cultura é apreendida na perspectiva da construção de identidades, insiste-se então no papel do indivíduo e nas dimensões simbólicas da vida coletiva (CLAVAL, 1997, p. 92).

Nessa perspectiva é possível pensar e organizar alguns arranjos como: paisagem e território; paisagem e cultura; percepção ambiental da paisagem; paisagem dos lugares centrais, rugosidades e fragmentações territoriais. A respeito da identidade que o indivíduo confere a esses arranjos espaciais, Claval profere ainda que:

O homem aprende o mundo através de seus sentidos: ele observa as formas, escuta os barulhos e sente os odores daquilo que o envolve. Os movimentos de seu corpo constituem experiência direta com o espaço. O gosto lhe revela o que ele come ou bebe, e outras prioridades (CLAVAL, 1997, p.82).

Deste modo, pode-se refletir que a paisagem relaciona-se com as experiências vividas e suas diferentes significações. O lugar e o local, o território e a territorialidade, o espaço e o tempo, enquanto categorias geográficas, pensadas a partir das experiências vividas e percebidas pelos seres humanos enquanto constituição paisagística.

### 3.1 A feira dividida em três movimentos: a poesia enquanto suporte material para entender o evento da feira.

No poema de Quirino (2007), intitulado “Suíte das feiras do interior”, a feira é dividida em três movimentos dos quais a constante simbologia utilizada retrata com imensa fidedignidade os hábitos que permeiam as feiras do interior nordestino, sobretudo nas regiões mais afastadas do movimento urbano, remetendo de imediato a projetar a imagem descrita.

Quirino (2007) utiliza imagens rotineiras para desenhar com exatidão e singularidade a paisagem da feira. Sua poesia nutre a memória viva que se espalha

pelos recônditos lugares das pequenas e médias cidades que abundam pela Região Nordeste, nos quais acontecem cenas pitorescas como as apresentadas na poesia.

Na poesia, palavras e gestos aparecem em cada cena, como materialidades vivas, experiências vividas que o poeta consegue resgatar com muita força de expressão. No contexto de sua poesia, existe uma nítida combinação entre Geografia e arte, representadas por uma linguagem típica que consegue retratar em palavras a paisagem da feira e seus significados.

O autor trata de uma poética do espaço geográfico, da cultura regional e local, escrita em um vocabulário que desafia a gramática estabelecida e escreve uma nova gramática popular, dando vida aos dialetos regionais, ressaltando os elementos vivos e as forças de uma cultura regionalista que teima em continuar existindo, meio que na contramão na homogeneização do vernáculo nacional.

A feira é um acontecimento que manifesta em seu arranjo inúmeros elementos capazes de identificar uma dada região, Lemos Santos (2009 p.22) acrescenta que “quando estamos na feira, vivenciamos aspectos de brasilidade e da sua cultura reconhecendo nosso local geográfico e nosso território”. O ambiente da feira é um dos pontos em que essa identificação se acentua, pois nela estão presentes vários aspectos que possuem uma ligação especial e única com os elementos da terra nordestina.

Na feira é possível acompanhar, no falar dos feirantes com seus fregueses, essa poesia como uma combinação de elementos de um linguajar próprio, e que para um estranho é como se estivesse em outro país. Essa afirmativa vem da direta relação de amigos da pesquisadora que passaram a viver no Rio de Janeiro e, em meses de férias, em visita aos familiares, tendo trazido cariocas para Jacaraú, observou-se a admiração dos amigos, com a forma de falar das pessoas.

Os moradores do local não sentem diferença em seu falar, o ritmo e tom de voz, para dizer, às vezes, a mesma coisa de outras regiões. Os cariocas observaram que as pessoas daqui falavam cantando, um falar arrastado, quase melódico, acompanhado de termos que os mesmos desconheciam.

Haesbart (1996, p.8) assegura que: “sinônimo de emoção e ritmo, a poesia geralmente rompe com a linearidade e a funcionalidade promovidas pelo mundo capitalista”. Nesse contexto ainda é possível pensar que a “forma deve seguir a função”. A feira, assim como a poesia, meche com o poder criador e a liberdade da imaginação, pois a complexa experiência é uma expressão da cultura humana.

Para Quirino (2007), o primeiro movimento é denominado -Véspera de feira- Nele o poeta faz uma descrição dos elementos que começam a desenhar o território da feira para que ela venha a acontecer.

São circos velhos quadrados montados sem picadeiro  
Pá, pá, pá e tome prego  
Pá, pá, pá e tome prego.  
Puxa e repuxa arame; tome-lhe cunha e martelo.  
Depois vem a empanada... assim sem pano sem nada.

Pit- bit! – Buzina os beijos  
Avança um carro de mão, na mão e na contramão  
Cachaça sem água tônica conduzindo a condição.

Oh! o mei...Oh! o mei... Oh! O mei!!!!  
Passa um trem de chapeados  
Um doido mamando gelo debocha dos desgraçados  
É o pega pra capá que começa encapetado.

Feirantes galinhas e catrevagens se debulham  
Se debulham da espiga duma velha lotação  
Boléia deselegante de alma chevrolezante  
Travesti de caminhão.  
Pega a discriminação a discutir com os pneus:  
Um vira lata rajado, mago, desqualificado  
Que nem sabe onde nasceu.

Caçula sem caçulagem, fala com sua vidinha:  
- Eu não posso mais comigo... Filho de nada é nadinha!!  
- Ô calorão aloprado! – Fala o pai, de mão de inchada  
Aterrando com farinha as tripas enfastiadas  
E um lipigute de cana, duma garrafa a paisana  
Aprumando a cusparada.

Cascas das primeiras frutas abrem escalas pelo chão  
Causando ascensão e queda do primeiro escorregão.  
Ah! Ah! Ah! Diz o sorriso ...- Qualé a graça que há?  
- Todo cristão abusado tem queda pra escorregar!

Melancias; beijos verdes de sorridão encarnado.  
Jacas: peitinhos duros, abacates barrigudos  
do verde e do roxicado  
As cabeleiras dos milhos, e carradas de caju  
Com castanhinhas no colo  
E rabos de abacaxi cheios de não me toques  
Para tanta alegoria vão precisar de reboques!

É isso mesmo, meu chapa! Todo feirante dá duro!  
Encosta numa rudia, e é noite em claro... no escuro.  
No bate-asas dos galos, sacode toda preguiça feito cachorro molhado  
Penteia a pessoa dele assim mei descangotado  
Engole qualquer mastigo, diz que tá de sangue novo  
E vai todo espriritado  
Caçar os últimos trocados da luta braba do povo.

A linguagem poética é o primeiro elemento a ser observado em um conjunto de paisagens que ainda não existe em sua plenitude. A paisagem vai sendo arranjada em cada estrofe a partir de elementos sonoros, como a batida de martelo e o transportar dos materiais que serão bases para o cenário da feira.

Outro importante elemento que segue o trajeto da paisagem em construção já pode ser visto pelas cores e pelas possíveis relações do local. Um conjunto de barracas vai dando forma e função ao espaço. Demarcações revestidas de lonas, pretas, amarelas e azuis. No desenrolar desses movimentos a feira já é um evento acontecendo, no colorido das frutas, dos alimentos, como também nos movimentos humanos em fluxos e interesses diversos. A esse respeito Bonnemaïson (2002 p. 84) ressalta que “uma paisagem é uma estrutura na qual se lêem, ao mesmo, o dinamismo e as relações entre uma serie de fatos físicos, sociais e econômicos”.

O segundo movimento é nomeado - Escutação de mei de feira - descreve com precisão a feira em pleno ápice. São retratadas as conversas de comadres e compadres, a gritaria dos vendedores na busca para atrair fregueses, e também dos carroceiros pra encontrar espaço e avançar rapidamente manobrando sua carroça carregada dos mais diversos produtos.

- Olha o jirimum cabôco! -olha o abaxii!
- Brinco de menina femê! -traíra de coco e siri!
- É califon e caçola que tá no risco da moda!
- Vamo abrindo aí a roda ... - Afasta aí o brocoió!!!
- cura muxicão de urêia, ferradura de abêia
- mijadura de potó, remedia cuspe grosso
- reumatismo de osso, quizumbisse e catimbó.

- Dernasonte que 'u não drumo!
- Taí um jumento bom!
- Uma rodada de cana!
- Só tá quebrado o guidon
- Quedê Pêdo Pirangueiro?
- Te acocora e passa o grau!
- Dez mireis de mel cuado!
- Só bastava ter dada uma camada de pau.

- Oxente tá aqui pra tu!
- Tocou Alcide Gerearde
- Tem porperline estampado? Se tiver quero mais tarde.
- Arriponou a comida
- Baliêra é no magaió!
- Ôh! Ruge-ruge da gota!
- Tou liso, pra que balaio?
- Inchada só Tramontina
- Imbuxaro Ambrozina de viver de gá-in-gaio.

- E os preços Cuma tão? Tão pelas horas da morte!

- Visse os peito de Maria? -E eu lá tenho essa sorte!  
 - Foi cinco junta de boi três nuví e um garrote.

- Farra grande foi sanoite, quaje que não s' acabava  
 lá no peba comi peba, lá na fava comi fava... lá em  
 bruxa comi bruxa... e o dia não manheçava.

O mais marcante desse segmento do universo da feira é pensar na riqueza de detalhes possíveis de serem observados em cada ator, seja o feirante ou freguês, em cada canto da feira, onde há a probabilidade de ouvir trechos de falas, dizeres populares que efetiva uma comunicação diferenciada em distintos momentos. Estes dizeres se tornam códigos de um território que só a experiência e/ou vivência permitem decifrar ou simplesmente viver sem o necessário aprisionamento do contexto.

Em vários momentos, a dinâmica da feira se apresenta nas ações dos feirantes e dos frequentadores da feira como uma combinação de heterogeneidade que compõe um mosaico de linguagens, de cores e de gostos que configuram o evento nordestino da feira. Esse retrato poético que se enquadra reflete os vários momentos em que a feira acontece.

O terceiro movimento é chamado - Feira de troca - e descreve de modo espirituoso a possibilidade de se efetuar uma série de trocas quer sejam afetivas, materiais, morais, políticas ou econômicas.

Na feira de troca de Pêdo Cangáia  
 se troca de tudo que se imaginá  
 Uma muscajada de rock pesado  
 por xotezinho faceiro e grudado  
 que só João do Vale podia tocar .  
 Se troca o blidex do bando de Londres  
 por uma cacela do sitio Mauá  
 se troca peneira gibão e borná  
 por um luminoso chêm de reclame  
 dez légua de cerca de pau e arame  
 por uma donzela querendo casá.

Troca uma bodega pintada e sortida  
 pela alivinhaça d'uma dor de dente  
 um ano a mais de presidente  
 por dez FM pra deputaiada  
 espuma de Bhama bebida e mijada  
 por uma promessa do dia do pleito  
 catráia má-feita sem dente e sem jeito  
 por uma mais feia que seja fiel  
 catorze cavalo de um carrossel por  
 um fungada com todo respeito.

Uma goiabada comida pela metade  
 numa monarêta não sei de que ano

se troca Fulano por vinte Sicrano  
 ri-ri de de braguila por cinco botão  
 Sargento Garcia e seu batalhão  
 na fotografia da cara do Zorro  
 O chefe da droga do morro do morro  
 no “morro não morro” da população  
 Uma cuscuzeira de fundo emendado  
 num pai de chiqueiro bem apaideguado  
 Irmão de uma cabra de frei Damião.

Se troca um mistério bem misteriado  
 por uma fofoca sem a fofoqueira  
 Se troca a troca da troca da feira  
 por uma pexeira de cabo quebrado,  
 uma cansação por dois feriado  
 Um bêbo enjoado por outro pidão  
 Um mês de Santana chêm de balão  
 por dois fevereiro com frevo de fora  
 Tem doido que troca sem muita demora  
 um mês de inverno por três de verão.

Uma brecha nos peito de Zefa Boinha  
 por um casinha no Alto do bode  
 uma faceiraje, comprar ninguém pode  
 mas troca na troca de uma paixão  
 mulher faceirando com instrução  
 vai ver que é home, na de meretriz  
 o dono da feira de Seu Pêdo Cangáia  
 avisa pro macho abaixa essa saia  
 no mêi dessa feira eu nunca te quis.

As dezoito prega de uma careta  
 por duas preguinhas d'um riso calado  
 Uma sirigaita do beiço pintado  
 por uma cabôca bonita e faceira  
 Uma beberage d' um dia de feira  
 na melhoradura de uma ressaca.  
 o podre do cheiro de uma titaca  
 No cheiro cheiroso que vem de você  
 o mais cabuloso desse trocaiado  
 foi um senador em fim de senado  
 por três deputado e um fê-nê-mê.

A riqueza de proeminências da feira aponta algumas especificidades e relações humanas que só uma cultura complexa, consegue aglutinar tantos elementos para um mesmo espaço. Enquanto espaço de uso, de trocas, de relações, se institui um território identitário, que outros universos culturais desconhecem ou não conseguem absorver em detalhes.

Assim, ao contemplar o poema, podem-se perceber vários elementos que se fazem presentes na cultura nordestina. Pois as questões locais se expressam através de símbolos que, de certa maneira, concebem uma paisagem que rotineiramente se presencia nas cidades do interior.

Os detalhes expressos pela poesia evidenciam uma geografia do lugar, da paisagem e do local propriamente dito. Estes detalhes estão notados em casos, gestos e sentimentos que marcam a vida cotidiana de muitas pessoas da região.

A afetividade que o indivíduo constitui com o lugar enquanto espaço de vivência, faz com que os mesmos sintam-se parte da paisagem que o envolve, já que ela é percebida como expressão das relações e realizações culturais imprimidas espacialmente para serem diferenciadas socialmente.

Assim no contexto apresentado, notam-se as categorias geográficas paisagem e território, fortalecendo assim a análise aqui proposta. Nesse sentido, a riqueza de detalhes de uma poesia leva para dentro da feira até mesmo quem não é participante dessa cultura local:

Feira de Mangaió  
Composição: Glorinha Gadelha / Sivuca

Fumo de rolo arreio e cangalha  
Eu tenho pra vender, quem quer comprar  
Bolo de milho broa e cocada  
Eu tenho pra vender, quem quer comprar

Pé de moleque, alecrim, canela  
Moleque sai daqui me deixa trabalhar  
E Zé saiu correndo pra feira de pássaros  
E foi passo-voando pra todo lugar  
Tinha uma vendinha no canto da rua  
Onde o mangaieiro ia se animar  
Tomar uma bicada com lambu assado  
E olhar pra Maria do Joá

Cabresto de cavalo e rabichola  
Eu tenho pra vender, quem quer comprar  
Farinha rapadura e graviola  
Eu tenho pra vender, quem quer comprar

Pavio de cadeeiro panela de barro  
Menino vou me embora  
Tenho que voltar  
Xaxar o meu roçado  
Que nem boi de carro  
Alpargata de arrasto não quer me levar  
Porque tem um Sanfoneiro no canto da rua  
Fazendo floreio pra gente dançar  
Tem Zefa de purcina fazendo renda  
E o ronco do fole sem parar ...

A Feira de Mangaió é um clássico da música nordestina, retratando em minúcias os vários quadros que permeiam a paisagem da feira. Por outro lado, muitos dos produtos que são vendidos não têm mais tanta utilidade para a vida

contemporânea, a exemplo do abano, do pavio e até mesmo do candeeiro, mas ainda fazem parte do cenário da feira.

É possível observar que a feira ainda mantém quase intacta o seu universo elementar de objetos e desejos, como se existisse uma espécie de resistência cultural, de hábitos, de jeitos e de identidades que em outros ambientes, já foram destruídos pela sociedade contemporânea.

Inclusive, se ressalta que, muitos dos produtos existentes nas feiras, alimentam o folclore nordestino, a exemplo de ambientes de restaurantes urbanos com perfis regionalistas, artesanatos e lojas de decoração em espaços urbanos e festas típicas como as juninas. Mas, é comum observar que muitas pessoas dos sítios, fazendas e povoados, ainda compram estas mercadorias para o efetivo uso doméstico ou para o exercício de atividades do campo.

Alguém pode até questionar se ainda é vendido fumo de rolo, pé-de-moleque ou coisas que a feira de mangaió oferece. A resposta é positiva, pois na própria feira é possível encontrar alguém cachimbando seu cachimbo, ou comendo um beiju ou um pé-de-moleque.

Algumas mulheres do campo ainda cultivam a tradição do fogo a lenha ou carvão e das panelas de barro. Entre outros elementos, o universo do barro, dos objetos cerâmicos, oferece à feira uma paisagem impar, marcada culturalmente por uma tradição secular, pois na feira dos objetos cerâmicos, está imerso um território rural, comunitário de ribeiras, de população tradicional que ainda guarda o domínio técnico que só alguns artesãos do barro conseguem. É muito interessante observar que os traços do guardam o reconhecimento original de determinadas comunidades.

Esse elemento cerâmico ainda é forte na feira de Jacaraú, em especial os trazido de comunidades rurais do Vale do Mamanguape e do Vale do Camaratuba, ambientes ricos em argila.

Dentre os vários espaços da feira, há uma territorialidade que não mais existe – a feira dos passarinhos - as gaiolas e os pássaros silvestres não são mais comercializados na feira de Jacaraú. O Ministério Público e o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) intimidaram os criadores e comerciantes de animais silvestres ao proibirem apreensão e comercialização de pássaros. Até as baladeiras foram proibidas e é comum observar que o promotor da cidade costuma passear pela feira para se certificar do cumprimento da lei. Nesse ponto, a feira perdeu um território típico, entretanto o meio ambiente passou a ser mais respeitado.

Assim, percebeu-se na paisagem que se estende sob o território da feira de Jacaraú o emaranhado paisagístico que caracteriza a feira camponesa no Nordeste, pois a mesma é marcada por um estilo próprio. Estilo este, que se verifica tanto em estrutura, quanto nos produtos que ora são encontrados em qualquer outra feira, ora só existem naquele território, em que o mangaió se mistura a farinha, a rapadura, o beiju, dentre outros elementos desse fascinante universo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo tratou-se da apresentação dos vários elementos que nortearam a pesquisa de campo e a observação participativa direta. Ele é permeado por imagens fotográficas e depoimentos, bem como trata da constituição do território da feira e da vivência em que se verificaram as trocas de experiências, afetividades e percepções paisagísticas da feira de Jacaraú.

No entanto há outras experiências e trocas que se processam no ambiente da feira, é o caso das trocas econômicas, que são constantes, pois os feirantes movimentam parte do capital adquirido com as vendas da feira na própria feira. Vejamos o depoimento da Senhora Maria Nilda vendedora de temperos:

Quando vou fazer minha feira é quase dez horas, o movimento já tá mais fraco aí deixo meu menino e vou, tem coisa que nessa hora já tá com preço melhor, já outras tão mais cara, mas graça a Deus, o apurado feito já dá pra comprar minhas frutas, verduras, uns dois quilo de carne, um bom pesados de queijo e dependendo do domingo ainda sobra. (Depoimento da Senhora Maria Nilda da Silva, entrevistada no dia 11 de julho de 2010)

Dona Nilda tanto é feirante, quanto freguesa. No cotidiano da feira, ela vende raízes, temperos e ervas. Enquanto freguesa, ela escolhe o tempo mediano da feira, pois por experiência própria, ela aproveita o primeiro momento para vender, devido ao fluxo intenso de fregueses mais endinheirados. Ela comentou que: “até às dez horas existe um movimento forte, depois fica um pinga-pinga de freguês e aproveitamento pra fazer a minha feirinha”. Estes foram os elementos de composição do capítulo de resultados e discussões que nortearam a pesquisa.

### 4.1 A feira em suas múltiplas territorialidades

A feira é uma paisagem móvel que se constitui semanalmente sob um determinado território. Para isso é necessário uma considerável organização e mão de obra. A feira de Jacaraú acontece aos domingos, mas os arranjos que concebem

sua paisagem começam a se fazer presente nas tardes de sábado, pois as bancas passam a ocupar os espaços determinados para o acontecimento da feira.

Em meados dos anos de 1960 o território da feira se restringia ao mercado público municipal ocupando todo o seu interior e um trecho da rua principal com algumas bancas que se posicionavam em frente ao mesmo. O depoimento do Senhor João Bosco (44 anos) que é neto do senhor Francisco Gusmão, responsável nesta época, pelas chaves do mercado, mostra um pouco da importância que o mercado ocupava nesta época.

“Eu tinha uns seis ou sete anos e andava a feira toda com meu avô. O mercado era arrumado tinha cantoria e até apresentação de teatro. Lá dentro se vendia todo de alimento e fora ficavam as bancas que vendiam mangaió, algodão, tecidos, buchas e caboços. Hoje tá tudo bagunçado e o mercado é sujo, antigamente era limpo e tinha festa dentro dele. Na porta do mercado ficava um fotografo que tirava foto 3x4” (Figura 1):



**Figura 1- Vista da feira do ano de 1967. Arquivo pessoal do Senhor Pedro Fernandes de Oliveira, fotógrafo local.**

Com o passar do tempo à feira cresceu e o mercado passou a ser apenas um trecho onde ela ocorre. Atualmente a prefeitura municipal delimita cinco ruas para a montagem do cenário da feira, são elas: a Vidal de Negreiros e duas travessas, a Sete de setembro e o Largo do mercado. Elas são demarcadas por fiscais da prefeitura municipal.

Segundo informações fornecidas pelos fiscais de tributos Edson Lima e Roberto Pereira Marinho, nessas ruas se distribuem quatrocentas e três bancas, desse número:

- 210 são ocupadas por feirantes do município, com destaque para agricultores familiares e/ou atravessadores que compram dos agricultores locais e de municípios vizinhos;
- 98 por feirantes que se deslocam de outros municípios da Paraíba e também do Rio Grande do Norte, trazendo principalmente produtos eletrônicos, roupas, frutas e verduras, entre outros;
- 95 que, de acordo com os entrevistados, não se enquadram em nenhuma das categorias citadas, pois os mesmos só participam das feiras efetivamente de setembro a dezembro (meses de maior aquecimento da economia local);
- 40 feirantes vendem seus produtos sob lonas, diretamente no chão ou em caixotes de madeira. Nesse caso, eles não pagam o tributo, pois são camponeses da própria localidade e nem sempre conseguem vir a todas as feiras, dependendo da sazonalidade dos seus produtos. Um exemplo dessa estrutura é de frutas, feijão verde, milho, coco, entre outros.

A feira enquanto unidade estrutural serve como base para diferentes estudos, mas não é objetivo, nesta pesquisa, refletir sobre o aspecto estrutural do espaço da feira. Aqui cabe apenas, apresentar os dados estruturais para que o leitor tenha uma idéia geral da dimensão da feira. Nesse sentido, observa-se também a dinâmica econômica dentro dos vários bancos e seus feirantes.

Espacialmente a feira parece pequena, ocupando trecho da principal avenida, e ruas paralelas do Centro de Jacaraú. A feira enquanto metamorfose já começa a ser montada no sábado durante a tarde, se estendendo pela noite. Nessa dinâmica, bancos são deslocados, caixas de produtos, carros de cargas estacionados e os ânimos da população já entram em cena. Na sequência é possível vislumbrar essa dinâmica a partir da planta baixa das ruas centrais de Jacaraú com destaque para o traçado da feira (Figura 02):

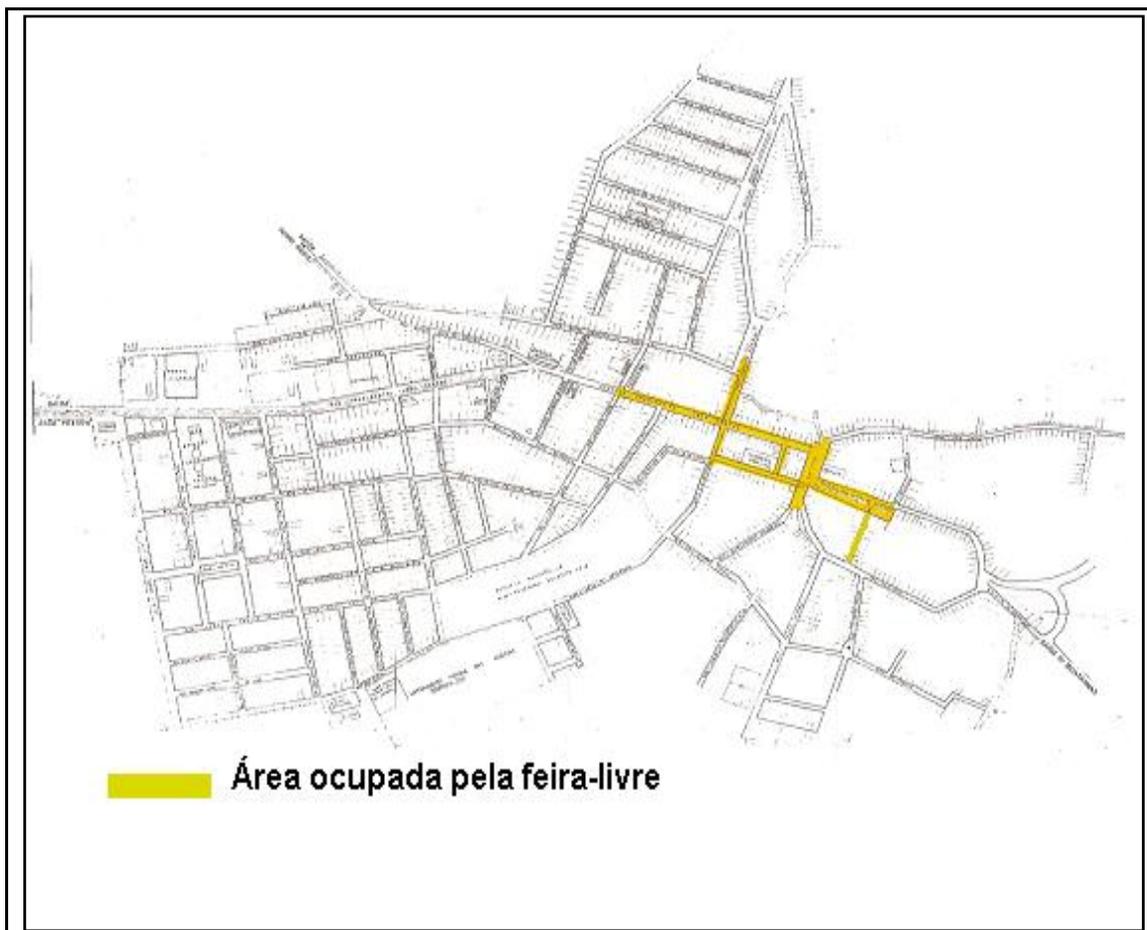


Figura 2 – Área ocupada pela feira-livre. Fonte: Prefeitura Municipal de Jacaraú-PB. Jul/2010.

A montagem da feira tem início no sábado e vai até o romper do domingo. Há feirantes que pagam a montadores para semanalmente deixarem sua banca pronta. As montagens das bancas são um negócio a parte dentro do território das feiras (Figuras 3 e 4):



Figuras 3 e 4 - Espaço da Feira de Jacaraú e os primeiros bancos. Fonte: Arquivo da autora, Fev. 2010

Existem pessoas que trabalham na feira apenas na montagem dos bancos, assim seu trabalho é feito antes e depois do acontecimento da feira. A paisagem da feira começa a ser montada durante o dia, mas estende-se para a noite, tendo como elementos uma experiência quase que circense, pois cada barraca ou banco vai ganhando adereços de madeira e de lona, até que o cenário da feira se constitui para, na manhã seguinte, as falas da feira ganharem a dimensão dos contatos humanos (Figuras 5 e 6):



**Figuras 5 e 6 – Senhor Silvio Luís e seu ajudante na montagem de bancos da Feira de Jacaraú.**  
**Fonte: Arquivo da autora, fev. 2010.**

Pensando nisso foi de interesse para a pesquisa buscar um depoimento sobre a dinâmica dos montadores. Assim foi colhido o depoimento do Senhor Silvio Luis que trabalha a cerca de um ano na feira de Jacaraú especificamente na montagem de bancas.

-Sou de Itapororoca, mas tenho bancas lá, aqui e em Rio Tinto. Aqui, tenho quarenta e cinco bancas que deixo guardada no terreno vazio e pago vinte e cinco reais ao guardador por semana. Chego no sábado mais ou menos umas onze horas e começo a carregar as bancas, quando venho terminar tudo já é mais de meia noite. Durmo por aqui e espero a feira terminar pra poder desmontar e guardar as bancas, quando vou pra casa já é mais de quatro horas da tarde é assim toda semana. (Depoimento do Senhor Silvio Luis,entrevistado dia 05 de setembro de 2010).

As atividades que se iniciam na feira de Jacaraú duram toda a noite, pois, quando parte dos montadores terminam seu trabalho, outros feirantes vão chegando, sobretudo os moradores da cidade e dos sítios mais próximos, que preferem realizar a montagem de seus bancos na madrugada do domingo.

Essa construção em um dia, que será desmanchada logo em seguida para na próxima semana se reproduzir enquanto construção de uma nova feira, na verdade

é parte de um ritual em que a cultura e a economia, movimentam diferentes tipos de trabalhos que dão o tom e o significado da feira.

De tal modo, com o raiar do dia percebe que a paisagem do território da feira não tem mais a mesma homogeneidade que é vista no sábado à noite. As ruas se tornam territórios que os feirantes vão aos poucos desenhando e delimitando.

É nesse movimento que as territorialidades vão ganhando vida e as ruas da cidade são renomeadas, tendo inclusive um público diferenciado em cada uma delas. Há territórios, que são mais frequentados pela juventude e outros onde predomina os adultos e idosos.

A feira é feita nas compras, nos cumprimentos, nos encontros de velhos conhecidos e de desconhecidos que circulam pelo universo da feira, procurando algo para comprar ou simplesmente passeando entre os bancos da feira. Gente de vários lugares que na feira se misturam. Gente dos sítios, das fazendas, das vilas e povoados, que se misturam com gente da cidade de Jacaraú e das cidades vizinhas (Figuras 7 e 8).



**Figuras 7 e 8- Dinâmica da feira em feirantes e fregueses. Fonte: Arquivo da autora, julho de 2010.**

Depois que a feira é montada, sua dinâmica econômica se estabelece em cada momento. Um exemplo marcante na pesquisa é o fluxo de fregueses que saem em busca dos melhores preços, dos bancos certos e da fidelidade em alguns casos. Do banco que serve de referência para a compra de outros bens. Muitos são os feirantes que afirmam a fidelidade dos seus fregueses, como aqueles que toda semana realizam suas compras no mesmo local. Nesse ritmo cria-se um vínculo de convivência, de amizade e cumplicidade entre as partes (Figuras 9 e 10):



Figuras 9 e 10- O movimento da feira passa pelos atores. Fonte: Arquivo da autora junho de 2010

A primeira travessa (Rua 07 de Setembro), que dá acesso ao largo do mercado, se torna a feira dos piratas e é frequentada em sua maioria por jovens e crianças que buscam comprar CDs, DVs, e/ou fazer um lanche rápido. Lanches de agora, como pizzas, cachorro quente e coca-cola, se misturam aos que remanescem desde as primeiras feiras, como é o caso dos beijus, pé-de-moleque, soda, broa, caldo de cana, ciquilhos e cocorotes... pirulitos coloridos...caju de açúcar, entre outras guloseimas (Figuras 11 e 12):



Figuras 11 e 12 - Produtos piratas. Arquivo da autora, junho de 2010.

Portanto, percebe-se que as modernizações não chegam a todos os lugares na mesma proporção. Nesta conjuntura, a feira surge como rugosidade capaz de absorver as margens do processo globalizante (COSTA, 2001). Ela configura-se, deste modo, num ambiente de resistência não unicamente por apresentar

contrariedade a certas alterações, mas por absorver parte delas e readaptá-las de acordo com habilidade criadora da população.

Ao final da via dos produtos piratas tem início a rua atrás do mercado (Largo do mercado) onde é observada a exposição de carne, peixe, e outros tipos de alimentos frescos. Dentro do mercado também se comercializa os mesmos produtos, contudo, os feirantes que o ocupam são do município de Jacaraú, enquanto os que se encontram externo a ele são, em sua maioria, de outros municípios. Assim, o território se diferencia quanto a sua ocupação por feirantes locais e forasteiros (Figuras 13 e 14):



Figuras 13 e 14 – Venda interna e externa ao mercado. Arquivo da autora, junho de 2010.

Nos depoimentos coletados, percebeu-se que muitos feirantes estão nesse território há anos e alguns até mesmo décadas, numa relação que passa de pai para filho. No entanto, uma fragante disputa territorial vem das reclamações mais frequentes de que, nos últimos tempos a concorrência de outros municípios tem tornando as vendas mais difíceis. Isso foi relatado por Hélder Ricardo, vendedor de carnes no mercado público:

Minha família está neste lugar há mais de quarenta anos, quem começou esse negócio foi meu avô, depois meu pai que passou há alguns anos pra mim. A produção daqui sempre deu pra abastecer a cidade, esse pessoal que chega de fora só vem pra atrapalhar as vendas locais (Depoimento oral de Elder Ricardo Alves da Silva – Feira – 11 de Julho de 2010).

Pode-se conjecturar que uma das explicações às reclamações dos feirantes jacaraúenses sob o aumento de participação de feirantes de outros municípios, dá-se, em parte, pela construção de rodovias que aproximaram e facilitaram o fluxo entre Jacaraú e os municípios próximos, incluindo algumas cidades do Rio Grande do Norte. Esse contexto foi encontrado na fala Marcelo Alves de Araújo, 32 anos, feirante de Mamanguape que é vendedor na feira de Jacaraú:

Sou de Mamanguape e trabalho aqui em Jacaraú todos os domingos, há cerca de vinte anos. Por feira, eu vendo em torno de 200 quilos de peixe no mesmo local. Sempre vendo tudo, pois meu peixe é de primeira qualidade (Depoimento oral de Marcelo Alves de Araújo, feirante de Mamanguape, em 11 de julho de 2010).

Ao observar os feirantes de outras cidades se notou que os mesmos apresentam uma maior diversidade de produtos e em muitos casos oferecem uma pequena diferença de preços, concedendo alguns descontos e atraindo uma maior clientela.

Outro depoimento interessante foi do feirante Marlon Cássio, 21 anos, vendedor de carnes e que trabalha na feira de Jacaraú desde os dez anos de idade:

Moro em Nova Cruz no Rio Grande do Norte. Comecei trabalhando com meu pai em um banco de carne bovina. Hoje nossa família possui três bancos de carne na feira de Jacaraú. A gente precisa de três pessoas pra nos ajudar, que a gente trás de Nova Cruz. Aqui a gente vende uns 500 quilos de carne nos três bancos (Depoimento oral de Marlon Cássio, em 11 de julho de 2010).

No que diz respeito ao comércio de carne, destaca-se que em média, são abatidos cerca de 10 (dez) bois para cada feira. Nesse sentido, vale ressaltar que o mercado de carne local poderia abater um número maior de bois, já que há mais de dez bancos de carnes com feirantes de fora que terminam ocupando o mais caro mercado de produtos da feira.

Contudo essa movimentação de produtos, serviços e pessoas caracteriza e dá fluidez à feira. Uma vez que, tanto na feira camponesa, quanto nas relações sociais estabelecidas nestes ambientes é possível refletir arranjos territoriais.

Ao fim da rua do largo do mercado tem início a gritaria dos vendedores de verduras na luta por atrair os consumidores para a oferta do maior número do maço de coentros ou do mais barato quilo do tomate. O público é variado, mas é composto em sua maioria por donas de casa.

Na sequencia vemos as bancas de verduras, ervas e temperos, onde se encontra desde pimenta malagueta, passando pelo orégano até as variações do gengibre que pode ser encontrado tanto branco quanto marrom. (Figuras 15 e 16).



**Figuras 15 e 16 – Banca de verduras, ervas e temperos. Arquivo da autora, junho de 2010.**

Em seguida se estendem a visão da maior parte da feira (Rua Vidal de Negreiros), na qual são visualizados os bancos de roupas, tecidos e calçados, já batizados por alguns de maneira desdenhosa de shopping MF, ou seja, “Mêi de Feira”. (Figuras 16 e 17):



**Figuras 16 e 17 – Bancas de calçados e roupas. Arquivo da autora, junho de 2010.**

A venda de roupas e calçados ocupa a maior parte da feira e tem um público variado. Nessa feira é possível encontrar desde vestidos de festas para se usar em

ocasiões solenes como batizados e casamentos até as calçolas e califon já citadas na poesia e música que compõem esse trabalho

Ao final desse corredor tem o início a feira da fruta, onde a maioria dos produtos é da própria comunidade local. O lugar é conhecido como feira da fruta, mas além destas, são vendidos também, raízes, verduras e hortaliças. (Figuras 18 e 19).



Figuras 18 e 19 – Bancas de frutas e raízes. Arquivo da autora, junho de 2010.

Em todos os territórios da feira ficou notado a mesclagem que existe entre os feirantes locais e os de outras cidades. Contudo, no ambiente da feira da fruta percebeu-se ao conversar com os feirantes que a maioria é da cidade de Jacaraú, dos sítios e povoados.

Diferente de grande parte das feiras que se realizam na região - a exemplo de Guarabira e Mamanguape - na feira de Jacaraú não há um território para troca de produtos usados: como: bicicletas, rádios, TV's, vídeos, relógios, etc. As trocas acontecem próximo à feira da fruta e, tendo em vista o número reduzido de participantes, encerra-se por volta das oito e meia da manhã.

O território da feira do gado (Travessa da Rua Vidal de Negreiros) é predominantemente frequentado por homens, os quais trazem consigo acessórios e instrumentos que os identificam, em sua maioria se apresentam com chapéus na cabeça, botas nos pés e seguram nas mãos uma varinha utilizada para tocar, ou, como eles dizem "cutucar" os animais (Maia, 2000). Eles se aglomeram em torno dos animais enquanto sustentam conversas sobre suas rotinas utilizando uma

linguagem para a negociação dos animais que somente quem é do ramo consegue compreender.

A feira de gado é um dos territórios com fortes interesses econômicos, onde se vende e troca equinos, bovinos e caprinos. Ela atrai vários tipos de negócios, sendo visitada por criadores, marchantes, negociantes de animais, e muitos curiosos (Figuras 20 e 21):



Figuras 20 e 21 – Feira do gado. Arquivo da autora, junho de 2010.

Estas feiras vêm preservando as mesmas características há anos, e conseguindo sustentar um público fiel e considerável. Em Jacaraú a feira de gado e a feira livre estão no mesmo patamar de importância, pois na medida em que os agricultores fazem suas feiras, também negociam gado, tanto vendendo, quanto comprando.

A feira de Jacaraú acontece no mesmo território dos mercadinhos e supermercados que existem em número significativo nas pequenas cidades, mas mesmo diante dessa concorrência, a feira não sofre redução significativa, pois eles têm participação em sua dinâmica, mas não a substituem em nenhum momento.

Isso se explica em parte, por que os caixas de supermercados não conseguem ter o contato direto que se faz entre vendedores e compradores, nem mesmo emanar igual calor humano e amizades que surgem do convívio semanal, entre uma banca da feira e outra. A dinâmica da feira envolve um grande número de feirantes, cada um com seu jeito, sua maneira de atender e afetar seus fregueses.

Assim, nota-se que o fantástico universo da feira é marcado por um calidoscópio multicolor. As cores estão nas frutas, nas verduras, no artesanato de

couro e nas vestimentas das pessoas. Esse cenário de misturas avivadas se comunga ao sentido dos sabores e odores. Seja das frutas típicas de cada lugar (banana, melancia, laranja, abacaxi, etc.); seja dos temperos moídos (pimenta do reino, cominho, semente de coentro, etc.), ou ainda dos artigos de couro, que são direcionados para um público tipicamente rural (cela, arreio, chicote, corda, chocalho, etc.).

Dessa maneira, a feira de Jacaraú é um evento em que inúmeros interesses se convergem. É também um local onde a cultura emana de forma pujante e a paisagem revela em sua configuração imagens, símbolos e caricaturas ímpares. O completar desse universo é o “falar da feira” expressada tanto pelo linguajar dos feirantes, quanto pelas expressões típicas dos homens e mulheres simples que frequentam a feira. Isso ocorre em cada fala, em cada conversa, nas audácias do riso, nas fofocas, intrigas e “disse-me-disse”, nos olhares e em muitas outras maneiras de comunicação que são típicas das feiras camponesas do interior nordestino.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da construção desse trabalho monográfico se verificou a constante inter-relação entre várias vertentes do campo geográfico, sendo explorada de modo mais profundo a geografia cultural, para ilustrar a interação que se faz cotidianamente entre CULTURA – PAISAGEM E TERRITÓRIO.

Como a cultura é um dos elementos primordiais na vida do indivíduo, neste trabalho, essa cultura é vista em diversas roupagens. Dentre estas a poesia, utilizada como uma das estratégias de ilustração da relação entre CULTURA - PAISAGEM E TERRITÓRIO no universo da feira camponesa.

Através dessa relação demonstrou-se que é possível imortalizar determinadas paisagens, através da estruturação e sentidos das palavras, como visto no poema “Suíte das feiras de interior” e estas palavras, por sua vez, são capazes de dar sentido as imagens que uma lente capta.

É importante ressaltar que a pesquisa se pautou em uma análise teórica, intermediada pela pesquisa participativa de campo, em que se buscou compreender os elementos que permeiam as feiras nordestinas, especialmente a feira do município de Jacaraú. Para tanto, a ideia da paisagem geográfica que se expressa sob um território, foram os elementos norteadores para o conjunto de ideias apresentadas. Assim, se entende que o trabalho de pesquisa foi construído, numa perspectiva empirista e teórica da geografia.

Com o estudo e reflexões foi possível construir um diálogo teórico estruturado a partir da vivência empírica, que buscou subsídios para compreender a importância que a cultura e a paisagem exercem na formação do território da feira de Jacaraú. Num sentido mais abrangente deu conta da relação CULTURA-PAISAGEM E TERRITÓRIO utilizando-se da contribuição de vários autores e depoimentos dos feirantes que trouxeram relatos de vida comprovando a tênue linha que liga a literatura e a realidade de vida de uma região.

Foi possível perceber como a rica poesia de Jessier Quirino descreveu a paisagem interiorana da feira nordestina, e que as rugosidades dessa paisagem campestre resistem bravamente à crescente onda urbana que toma a região nordeste e o país.

A música Feira de Mangaió também foi utilizada para comprovar essa vertente da paisagem, apontando a cultura que se apresenta num território.

O uso de depoimentos e imagens fotográficas como também os argumentos teóricos apresentados, serviu enquanto suporte técnico de pesquisa que ajudaram a entender a importância que o universo da feira exerce sobre a cidade de Jacaraú em definições territoriais reais, econômicas e culturais.

Assim, esse trabalho se mostrou como um possível arranjo para a compreensão da importância que os elementos culturais e econômicos, intrínsecos a feira de Jacaraú ocupam no cotidiano das pessoas, uma vez que, esses elementos são capazes de levar os indivíduos a: transformar, construir e/ou reconstruir a paisagem com também configurar, demarcar e identificar o território impetrando no mesmo diferentes territorialidades.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINO, Sharlene da Silva. **Geografias: Fragmentos e Ranhuras da Ideia de Cultura, Paisagem e Identidade**. Guarabira. UEPB\CH, 2008.

BERNARDINO, Sharlene da Silva; MARIANO NETO, Belarmino. A Função da Paisagem na Identidade Social dos Indivíduos. In: Mundialização, Alteridade e Inclusão. 04 A 07 de Dezembro de 2007. **Anais da IV Semana de Humanidades**. Guarabira: UEPB/CH, 2007.

BONNEMAILSON, Joel. **Geografia Cultural: Um Século** (3). UERJ: Rio de Janeiro, 2002.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In CORRÊA, Roberto. Lobato.; ROSENDAHL, Zeny. (org.), **Geografia Cultural: um século**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSTA, Antônio Albuquerque da. A feira de Campina Grande: Rugosidades num espaço que se transforma. In. **VIII Encontro Regional de Geógrafos**. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Contribuições científicas, 11 a 14 de Julho de 2001. Natal – RN. CD ROM.

CLAVAL, Paul. Campo e Perspectivas da Geografia Cultural. In: Corrêa, Lobato Roberto e Rozendhal, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural Um Século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. In: Castro, Iná Elias de, Gomes, Paulo César da e Correia, Roberto Lobato(orgs). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

HAESBART, Rogério. Concepções de Território para Entender a Desterritorialização. In: SANTOS, Milton... {et.al.}. **Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3º Ed. São Paulo: Lamparina, 2007.

HAESBART, Rogério. Território, poesia e identidade. **Revista Fluminense de Geografia**. Niterói/Rio de Janeiro, junho de 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico**. 16 ed. Jorje Zanhar: Rio de Janeiro, 2003.

LEMOS SANTOS, Antônio dos. **A Feira Livre de Nova Cruz (Mono)**. Guarabira: UEPB/CH, 2009.

MAIA, Doralice Sátyro. **A feira de gado na cidade. Encontro conversas e negócios**. São Paulo: Revista Formação, nº14 volume 1 – p. 12-30, 2000.

MELLO, Luis Gonsaga de. **Antropologia Cultural: Iniciação, teoria e temas**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e História no Brasil**. Anna Blume, São Paulo: 2005.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. **Conversas sobre normalização de textos acadêmicos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.

PAZERA Jr., Eduardo. **A Feira de Itabaiana-PB: Permanência e Mudança** (Tese de Doutorado em Geografia Humana). São Paulo: USP, 2003.

QUIRINO, Jessier. **Paisagem de Interior 2** (Discografia). Recife: Bagaço, 2007.

SANTOS, José Luís dos. **O que é cultura**. 14 ed. Brasiliense: São Paulo, 1994.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**. Francisco Alves. São Paulo, 1985.

SUETERGARAY, Dirce Maria Antunes. **Ambiência e pensamento complexo: resignic (ação) da geografia**. In: DANTAS, Aldo; GALENO, Alex (Orgs.). **Ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004.